

CULTURA POPULAR NA PESQUISA ACADÊMICA

Abstract

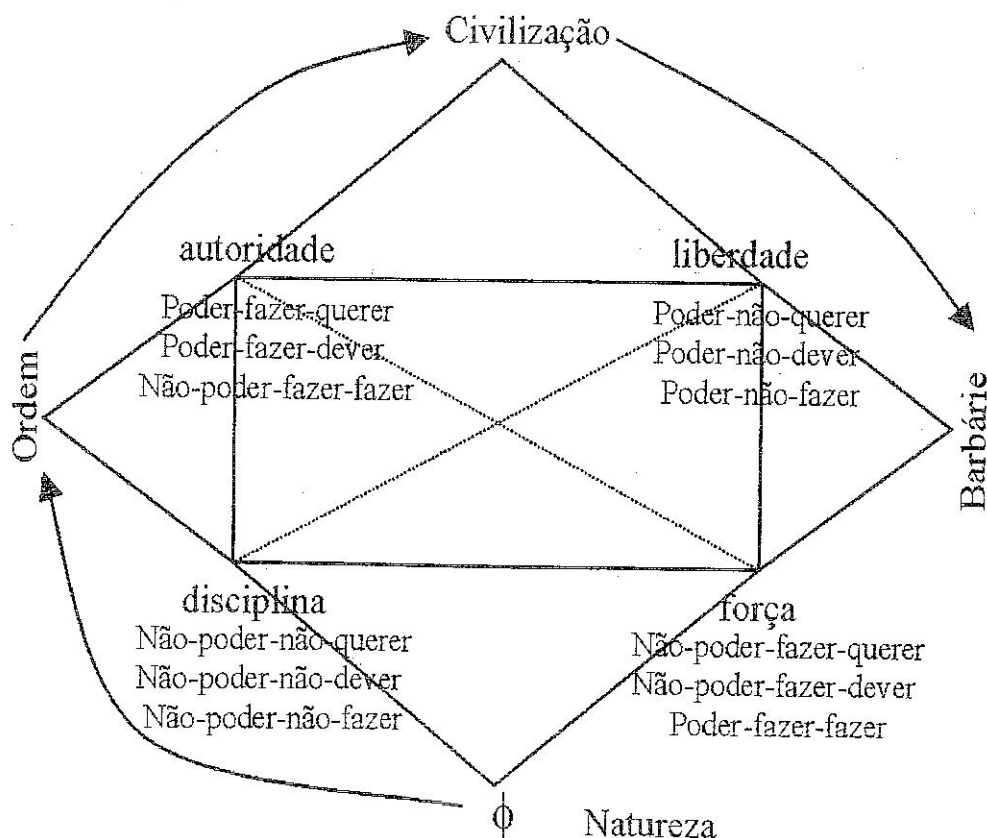
In this paper, the analysis results of the traditional romance's fundamental structure are presented, based on the Semiotics of Cultures. The data were selected from the "Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP-UFPB)", a research nucleus related to popular literature.

Key words: Semiotics. Popular Literature.

O Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP), além de ser uma biblioteca de literatura popular em verso, constitui um núcleo de pesquisa onde foram desenvolvidos muitos trabalhos com a finalidade de preservar, aprofundar e difundir a cultura do nosso povo. Atualmente, coordenamos ali um projeto de pesquisa intitulado *O discurso semiótico da poesia oral tradicional no nordeste do Brasil: romanceiro e cancionero popular*, a que estão vinculados bolsistas de iniciação científica e alunos da pós-graduação. Neste trabalho, pretendemos apresentar os resultados de uma análise que fizemos da estrutura fundamental no romanceiro tradicional com base na semiótica das culturas. Esta se volta para o estudo das significações culturais, considerando-se cultura

na concepção antropológica do termo, ou seja, como a descrição de um conjunto de ideologias, de sistema de valores próprios do indivíduo ou da sociedade.

A significação é tomada pelos sociosemióticos como um percurso constituído de três estruturas: a fundamental, a narrativa e a discursiva. Aqui neste trabalho, vamos nos ater à estrutura fundamental que constitui a primeira etapa do percurso gerativo, ou o ponto de partida na formação do discurso. A significação é tomada como estrutura semântica elementar, a que se reduz todo o discurso e os valores nele investidos em relação de oposição mínima. Consideramos, nesta análise, a relação de oposição modernidade e tradição que foi formalizada por Pais (1991: 452-461) no octógono semiótico seguinte:



As reflexões realizadas por Pais, no trabalho citado, permitiram-lhe estudar o dinamismo no percurso histórico da cultura. As sociedades chamadas dinâmicas se sustentam no conflito entre modernidade e tradição. A modernidade implica não-tradição e a tradição implica não modernidade. As sociedades, em desenvolvimento perverso pela presença da modernidade, negligenciam a tradição, enquanto que as sociedades arcaicas consideram a tradição e esquecem a modernidade. As sociedades em processo de ruptura estão na *déixis* negativa, sem tradição nem modernidade.

Aplicamos este estudo à análise do romance *O Veneno de Moriana* de que examinamos oitenta e quatro versões levantadas no Nordeste do Brasil, cuja temática abordada é da mulher que se vinga do amado. Juliana, prima e noiva de Dom Jorge, entrega-se a ele sem reservas. Ele, entretanto, depois de abusar da prima, contrata casamento com outra e tem a audácia de ir à casa de Juliana, montado num imponente cavalo ruço, convidá-la para a cerimônia. Esta, aliás, não se realiza, pois Juliana o mata com um cálice de vinho envenenado.

As diferentes versões examinadas podem ser distribuídas em oito grupos, distintos quanto ao fato de apresentarem ou não certos momentos da narrativa. O primeiro grupo, codificado como V_a , compreende aquelas versões que trazem explícito o amasiamento de Juliana com Dom Jorge, deixando acentuada a culpa deste por tê-la desvirginado. O segundo grupo, V_b , omite o amasiamento: Juliana aparece como noiva/prima prometida em casamento, o que minora a culpa de Dom Jorge. Esta vai residir apenas no fato de não ter cumprido a promessa de casamento. O terceiro grupo V_c inocenta Dom Jorge, retirando a sedução e a promessa de casamento. É Juliana quem está apaixonada por ele, enquanto ele não demonstra nenhum interesse por ela, a não ser a amizade de primo. No quarto grupo, V_d , não é possível distinguir a natureza do compromisso que os une, ficando as versões isentas de análise sob esse aspecto. Aliás, elas são altamente fragmentárias, deixando-se ficar, quase sempre, no momento do assassinato. No quinto grupo, V_e , aparece a mesma narrativa de V_a , acrescentando-se o fato de Juliana tentar resgatá-lo. O sexto grupo, V_f , inclui o pedido de casamento de Dom Jorge aos pais de Juliana, seguido da negativa destes. Os demais momentos do percurso se igualam àqueles do grupo V_b . O sétimo grupo, V_g se iguala a V_b , acrescentando-se o desejo manifesto por Dom Jorge de ficar

com Juliana e Maria. O oitavo grupo, V_h , acrescenta à descrição de V_b , V_c ou V_e o fato de os pais/mãe de Dom Jorge apresentarem-se na narrativa, manifestando o desejo de vingar-se de Juliana.

De acordo com a versão examinada, vão surgir diferentes níveis de culpabilidade para Dom Jorge, até chegar a uma total inocência.

Em V_a e V_c , Dom Jorge cometeu uma falta duplamente grave: desonrou uma donzela que, além disso, era sua prima. Enganando-a, destruiu a confiança que ela nele depositava, apesar dos conselhos da mãe que desde o princípio dizia que ele não se casaria com ela:

“– *Eu bem que te disse, Juliana que ele não te queria.*” (J8)

“– *Bem que te disse, Juliana que Dom Jorge não casava*” (J15)

A oposição dos pais tem, portanto, um fundamento: a falta de caráter de Dom Jorge, embora nas versões do grupo f , eles tenham dado um outro motivo que não o verdadeiro:

“– *Senhor Conde eu vim aqui, eu não vim lhe visitar*

Eu vim pedir Juliana para comigo casar.”

“– *Dona Condessa, venha aqui, venha cá neste salão*

– *Juliana é muito nova não presta pra casar não.*” (J41)

Eles falsearam a verdade, ou por educação uma vez que eram nobres e não pretendiam, talvez, levantar alguma discussão, ou então, por ser Dom Jorge de um nível aristocrático superior e eles tiveram receio de irritá-lo se dissessem a verdade. A filha, entretanto, foi devidamente avisada a respeito do caráter de seu pretendente:

“– *Eu bem que disse, ó Juliana, tu não quis acreditar,*

Que Dom Jorge era rico, não queria se casar.” (J42)

Em V_a , portanto, quando Juliana mata Dom Jorge, ela não está apenas se vingando, mas está resgatando a honra perdida porque esta era a forma de o fazer, caso o infrator se negasse a casar. A morte do infrator poderia evitar que ele tornasse a cometer a falta:

“– *Morra, morra, meu Dão Jorge contra mim não há perigo, para não fazer com outra o que fizeste comigo.*” (J38)

Essa interpretação nos leva a entender por que os estudiosos ibéricos atribuem à Juliana a classificação temática de mulher *vingadora da honra*.

Em V_b , V_f e V_g , Juliana aparece como noiva, sem ter havido relacionamento conjugal entre ela e Dom Jorge. A culpa dele reside, tão somente, no fato de ter-se negado a cumprir a palavra empenhada. Ele não foi um cavalheiro, no sentido estrito da palavra, que preferia deixar-se morrer a não cumprir com o seu dever. Uma vez que não houve perda da virgindade, Juliana o mata por vingança, por ter sido rejeitada, o que aumenta a sua culpabilidade e diminui a de Dom Jorge.

Na maioria das versões, Juliana é referida pelo epíteto noiva que apresenta conteúdos distintos. Em V_b , V_f e V_g , noiva parece corresponder ao significado real denotativo de "mulher que fez promessa de casamento". Enquanto que nos casos aparecidos em V_a e V_c , ocorre um uso eufemístico. Noiva substitui amante por um tabu muito encontrado no Romanceiro. Amante é um termo "feio" que não deveria ser aprendido por crianças e adolescentes, sobretudo nas escolas onde se faziam as encenações do romance. A avó, a tia velha, a professora, principais veículos de transmissão do Romanceiro, substituíram-no por outro mais ameno. Acreditamos que essa substituição possa ter ocorrido também nas versões já referidas onde noiva parece estar sendo usada em seu sentido real. É que nesses casos, pode ter havido não só a substituição de amante por noiva, como a retirada daqueles elementos que deixassem transparecer o amasiamento por ser, nesse caso, completamente desprovido de pudor. Esse episódio destaca a incoerência das censuras feitas pelos informantes: retiram um termo que não chega sequer a ser um palavrão, no entanto, mantêm no relato o violentíssimo assassinato de Dom Jorge que, certamente, é bem mais pernicioso às crianças e jovens.

Em V_c a culpa de Juliana vem bastante acentuada, inocentando-se completamente Dom Jorge. Ele acredita nela e gosta dela como prima e amiga. Nada mais natural do que, estando para casar, visite a prima a fim de convidá-la para o casamento:

— *Boa noite, Juliana em seu tapete assentada.*

— *Boa noite, primo Jorge, em sua bicicleta amontado.*

Primo Jorge, sube ontem que você ia casar.

— *Quem lhe disse não mentiu, vim aqui lhe convidar.*" (J73)

A atitude de Juliana se reveste de uma enorme crueldade: ela assassinou friamente o primo somente porque ele não gostava dela. Veja a narração do fato feita por uma informante da Bahia:

"Era dois primo. Ai a moça queria casar com o primo né? Mas ele não gostava dela. Gostava assim como amigo e por ser o sangue iguais. Ai ele rumou uma namorada. Ela tinha raiva porque ele não namorava com ela e namorava com os outro. Ai sim que ele ia casar. Ai foi convidar ela. Ele saiu, montou na bicicleta e, saiu pra ir convidá-la. Quando chegou, ai...:"

.....
Ela, como não queria que ele casasse, né? Ai disse:

— *Primo Jorge, dê licença enquanto eu subo no pomar*

Buscar um copo de vinho que eu guardei para lhe dar." (J74)

Vejamos agora as significações ocorridas no momento do assassinato.

Juliana não demonstra aborrecimento após saber a notícia de que Dom Jorge ia casar com Maria. Ela aceita a notícia que ele lhe dá com aparente tranqüilidade quando, na verdade, seu interior era só ira. Depois ela se levanta e calmamente vai buscar o copo de vinho, levando-o a pensar que era uma comemoração pela notícia recebida. Estes fatos comprovam o alto grau de hipocrisia de que Juliana se reveste, bem como caracteriza a traição. Não foi uma traição pelas costas, como é costume fazer, mas de frente, olhando no olho, fazendo parecer que tudo estava bem, sem algazarra e sem alarido, assemelhando-se à morte abafada com toalha, mencionada na análise do Conde Alarcos. Além da traição, configura-se a premeditação. Antes de vê-lo e de conversar com ele, Juliana prepara-lhe o copo com vinho envenenado:

— *Espera aí, seu Dom Jorge, enquanto eu vou no sobrado* (bis)

Buscar um cálice de vinho que para o senhor tenho guardado" (J2)

Verificamos, portanto, que os textos do romanceiro, embora apresentem uma forte dose de tradicionalidade vinda de um passado longínquo, possuem aspectos da modernidade que vão sendo anexados no decorrer do tempo, permitindo considerar o dinamismo cultural que se sustenta na tensão dialética entre modernidade e tradição.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria de Fátima B. de M. *A tradição ibérica no romanceiro paraibano*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2000.

_____. *O romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica*. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Linguística da USP. Tomos I e II. São Paulo: 1999

_____. O discurso semiótico. In ALVES, Eliane Ferraz et alii. *Linguagem em foco*. João Pessoa: Idéia/UFPB, 2001: 133-156.

BRAGA, Teófilo. *Romanceiro geral português*. Vol. I, II e III. Lisboa: Vega, 1982.

PAIS, Cidmar Teodoro. Sociosemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In *Anais do V Encontro Nacional da Anpoll*. Porto Alegre: Anpoll, 1991: 452-461.

_____. *Conditions sémântico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Doctotat d'État en Lettres et Sciences Humaines. 3 tomes. Paris: Université de Paris-Sorbone (Paris-IV), 1993.